

ENCONTROS DE VIDA, FORMAÇÃO E PESQUISA: NOTAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA



PREFÁCIO

ENCONTROS DE VIDA, FORMAÇÃO E PESQUISA: NOTAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA

Escrever um prefácio de uma obra de Edméa Santos (#Professora Santos) é um privilégio, mas também um ato de grande responsabilidade. O livro que nos apresenta, embora cumpra, como primeira missão, aquela função do nosso *labor academicus*, ultrapassa em muito esse estatuto e convoca-nos, de forma marcante e disruptiva, para uma reflexão estimulante sobre os desafios da docência pós-digital.

Trata-se de uma obra criativa pela forma como agrega diferentes linguagens – na primeira parte, a autora narra a sua itinerância implicada com as práticas dos diários online ao longo de sua carreira com a pesquisa-formação na cibercultura. Segue com uma *digital storytelling* em formato de diário online escrita no Instagram e, numa terceira parte, um relatório científico pedagógico, onde faz uma análise teórica-prática do período de pós-doc na The Ohio States University (OSU), USA, já com um discurso mais acadêmico. O que nos apresenta é aquilo a que poderíamos chamar um Ambiente Pessoal do Investigador (API) que possui enorme potencial reflexivo.

No mundo atual da cibercultura, da ciência aberta (CA) e da educação aberta (REA, MOOCs), bem como da imersão forçada no mundo digital a que nos obrigou a pandemia, considerada por alguns a maior “experiência online” jamais realizada, nomeadamente em contexto educacional, o livro de Edmea Santos é um contributo fascinante para nos fazer pensar a docência e a pesquisa atual. A autora explora novas abordagens na sua prática, transformando terrenos já percorridos e ousando incursões em áreas emergentes, como é o caso da Inteligência Artificial, e mobilizando tantas outras contribuições que introduziram enormes disrupções no contexto de atuação do docente nas academias onde atua.

A opção por uma narrativa ao jeito da *digital storytelling*, cruzada com as reflexões sobre o quotidiano de investigadora e docente, levam-nos a chamar à colação o conceito original de *scholarship* (BOYER, 1990) que, à falta de melhor tradução, designo como “trabalho docente”. A contribuição de Boyer fornece-nos um referencial sobre a prática académica e sobre a sua natureza multidimensional, expressa em quatro funções

básicas que incluem todas as atividades de um acadêmico – descoberta, integração, aplicação e ensino – que anula a desvalorização tradicional das atividades de docência relativamente às de investigação.

Este trabalho docente tem sofrido grandes desvios face à sua natureza inicial, quase romântica, que na atualidade está fortemente marcada por uma produtividade académica centrada na publicação e na dependência da avaliação. Concordamos com a visão de Candau e que são tempos marcados pela *fast science* e pelo excesso de trabalho vergado à pressão do relógio (Guzmán-Valenzuela e Barnett), consubstanciado numa multiplicidade de tarefas docentes sem conexão entre si, mas ao mesmo tempo especializadas (tarefas administrativo-burocráticas obrigatórias, pressão da internacionalização, número de estudantes, o uso da tecnologia, ou obtenção de financiamento, entre outras).

Há, por isso, terreno para novas contribuições como a *digital scholarship* ou a *open scholarship*, decorrentes do surgimento da Web 2.0 e de fenómenos como a abertura, a partilha e a colaboração mas, também, da disseminação de ferramentas digitais e de novos métodos de pesquisa e de publicação. Estas alterações tiveram um forte impacto no ecossistema das práticas académicas e nos contextos e territórios de atuação mais ou menos digitais, mais ou menos híbridos, contribuindo para o desenvolvimento de novas identidades académicas como afirmamos num texto de 2019 (Cardoso, Morgado e Teixeira).

Esta visão do trabalho académico num contexto de cibercultura e de ubiquidade, proposta e praticada por Edméa Santos, consubstanciado num ciclo de pesquisa-formação constante num contexto híbrido, em que cada um dos polos alimenta o outro, representa uma contribuição muito relevante para a compreensão do lugar onde hoje se situa a ação docente.

Onde atua o docente?

Os territórios onde atua o docente são cada vez mais híbridos e ubíquos, introduzindo complexidade às suas práticas e ao domínio do seu quotidiano, que se desdobra em cenários múltiplos devido à plataforma decorrente da criação de campus virtuais de dimensão variável, de ambientes agregadores multiplataforma (AVA+Web 2.0, redes sociais, apps multifuncionais, etc.), de campus como ambientes pessoais institucionais ou, ainda, de ambientes pessoais de aprendizagem como refere Mota. Aos espaços físicos de interação e de comunicação juntam-se os espaços de aula virtual e os laboratórios remotos, os espaços de criação de conteúdos, de gestão tecnológica, de coordenação pedagógica e científica, as

bibliotecas digitais e repositórios, os sistemas de suporte técnico, de apoio ao docente e de mentoria, de gestão da avaliação e, também, os espaços de socialização.

O livro de Edméa Santos traz-nos, também, uma reflexão sobre os desafios das pós-graduações online num contexto pós-digital, e sobre os temas fraturantes em debate relativamente a esta modalidade de formação.

A literatura documenta como a alteração dos espaços e tempos de ensino, proporcionando uma muito maior diversidade nos estudantes e nos perfis culturais e de aprendizagem exige, também, uma alteração nas práticas pedagógicas, nas estratégias de ensino, e nos modelos de design instrucional, também designado como design da aprendizagem em Connole ou o design educacional de Paula Carolei.

Flasbacks e o Mestrado em Pedagogia do eLearning (mPeL)

Quando iniciámos o Mestrado em Pedagogia do eLearning na Universidade Aberta de Portugal, pós-graduação pioneira e inovadora totalmente online em 2006, enfrentamos grandes desafios e a necessidade de pensar a cultura docente e a sua ecologia. Deparámos-nos com incompreensões por parte dos nossos pares mas, também, internas à própria instituição. Alguns dos fatores de bloqueio decorreram, muitas vezes, de se perspetivar ou de se formularem expectativas sobre uma nova forma de ensinar e aprender com base nos mesmos referenciais com que aprendemos ou ensinámos décadas antes.

Esta é uma abordagem bastante frequente, quer da parte dos decisores e responsáveis nas instituições, quer dos académicos e dos próprios estudantes. Por isso, a investigação das práticas embebida no trabalho docente (a já mencionada “pesquisa-formação na cibercultura” proposta por Edméa Santos) deve constituir, na minha perspetiva, uma prática permanente, recorrendo a abordagens metodológicas também elas em construção perante os novos fenómenos com que lidamos.

A minha entrada na educação online deu-se nos primeiros anos da década de 90 do século passado, quando tive a oportunidade de aprender a ensinar online com quem já o fazia – em 1993 no célebre curso TLO’4 na Open University britânica (Teaching and Learning Online), com Robin Mason, Tony Kaye, e tantos outros investigadores com quem me cruzei nos textos que fui estudando. Num contexto difícil, quando a Internet era ainda muito limitada e pouco acessível, ultrapassámos obstáculos e vivemos uma experiência de alta intensidade, das mais ricas e impactantes para o meu trabalho docente futuro. Dele resultou o meu doutoramento, onde trabalhei e investiguei, precisamente, a criação de um protótipo de modelo pedagógico virtual e de trabalho docente online, e, também, a base do que viria a ser o meu contributo para o desenvolvimento do Modelo Pedagógico da Universidade Aberta e a criação do mestrado em Pedagogia do eLearning, em 2006.

Tive a oportunidade de trabalhar nesse mestrado com a Edméa Santos anos mais tarde (2013-2014), quando, durante o seu pós-doutoramento, ela participou como observadora-participante, investigadora e docente-visitante numa disciplina do mestrado e na comunidade de aprendizagem, e continuou, no ano seguinte, como professora convidada na disciplina de Metodologia de Investigação em Contextos Online (MICO), onde partilhámos reflexões e co-construímos conhecimento e a sua visão da pesquisa-formação na cibercultura, que ficou vertida também no trabalho com os alunos e nas orientações de dissertações do mestrado.

Inspirada pelo uso da forma de diário no livro, deixo aqui o registo também de um encontro feliz que se deu na época entre Edméa Santos e Ana-Paula Correia, quando as convidei para o Painel de Convidados da 4ª Conferência do Mestrado em Pedagogia do Elearning - MyMpeL, em 2013 (<http://mympeL.blogspot.com/p/confere.html>), dedicado à reflexão sobre o trabalho académico, as práticas de pesquisa (Ana-Paula Correia) as práticas de pesquisa e formação (Edméa Santos), e que deu frutos até hoje, de que este livro é um excelente testemunho.

Terminamos, com a certeza que os leitores desta obra encontrarão motivos para transportarem para as suas práticas as perspetivas propostas pela autora nestes percursos de pesquisa-formação co-construídos também, nas vivências com outros atores e investigadores.

Lisboa, 30 de outubro de 2023 ou quase 10 anos depois!

#Lina Morgado

30 de Novembro de 2013

4ª Conferência do Mestrado em Pedagogia do Elearning

myMPEL, 2013



Universidade Aberta: Palácio Ceia - Lisboa
9.00.-19.00
PROGRAMA PROVISÓRIO

09.00 - RECEÇÃO 9.30 -10.00	ABERTURA	UNIVERSIDADE ABERTA
PRIC-PIFFOR DIRETORIA DO DEEI		

10.15- 10.45: PAINEL DA COORDENAÇÃO DO MPEL	UNIVERSIDADE ABERTA
COORDENAÇÃO DO MESTRADO EM PEDAGOGIA DO E-LEARNING	

11.00 -12.30: PAINEL DE CONVIVIDOS DO MESTRADO MPEL

MODERAÇÃO:	Elzabirng- Research directions and Advanced Practices	IOWA STATE UNIVERSITY
ANJA PAULA CORREIA		
MARCO SILVA	Fundamentos da Interatividade na sala de aula presencial e online	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO
EDMÉA SANTOS	Cibercultura na era da mobilidade ubíqua : práticas de pesquisa e formação	UNIV. ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO



4ª Conferência do Mestrado em Pedagogia do Elearning
myMPEL, 2013

'Radiografia' dum curso online: estudo das práticas docentes sobre o desenho das atividades online

Rosalina Simão Nunes
Prof. Doutora Lina Morgado

Fotos do arquivo pessoal Lina Morgado - com Marco Silva, Ana-Paula Correia e Edméa Santos MyMPEL2013.